

Os Cavalos na Conquista da América Espanhola.

Vanusa Siqueira de Araújo¹

No estudo do processo de conquista e ocupação da América², um aspecto entre outros, chama a atenção, ou seja, o fato de tão poucos europeus terem tomado a região em comparação ao grande número de pessoas que nela habitavam. Para compreender quais foram os elementos que proporcionaram essa dominação, muitas justificativas foram levantadas.

Ruggiero Romano, por exemplo, afirma que a superioridade européia ficou evidenciada em três pontos essenciais; o primeiro seria a utilização de armas de fogo, com a possibilidade maior de combate à distância, o segundo ponto seria pelo meio de transporte (o cavalo), com uma incomparável mobilidade, e por último o emprego do aço nas armas de ataque e de defesa tornando-as resistentes. (ROMANO, 1989: 13-14).

Entretanto este triunfo tecnológico enfrentou duras resistências, não só frente ao expressivo número de indígenas, bem como pela ação da própria natureza da região. As armas de fogo apresentavam possibilidade de enferrujar e a pólvora de molhar. No clima úmido, os canhões ficavam ainda mais pesados e difíceis de manobrar e os índios logo inventaram obstáculos para os cavalos, dificultando seu deslocamento ao cavar fossas profundas com lanças espetadas, nas quais as montarias eram empaladas. (BERNARD e GRUZINSKI, 2001: 324-351).

Assim, é possível perceber, que a conquista da América não se concretizou somente por uma superioridade tecnológica, existiu um elemento a mais e, talvez, esse elemento tenha sido a capacidade dos conquistadores de domesticar animais e utilizá-los a seu benefício. Embora tenham sido criados impedimentos ao uso do cavalo, estes não foram suficientes para inutilizá-lo e em muitas ocasiões eles foram fundamentais para o triunfo espanhol, como reconheceu o próprio Cortés ao escrever em suas cartas que devia a sua vitória a Deus e aos cavalos.

Nesta perspectiva de análise se destaca o pesquisador Alfred W. Crosby que interpreta o imperialismo europeu em função de uma variável biológica, em síntese, os

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso.

² Ao utilizar neste trabalho a designação de América a referência é somente para a região colonizada pelos espanhóis.

componentes da fauna, flora e agentes patogênicos diversos que os conquistadores levaram consigo em suas incursões. Embora esta seja uma obra que necessita ser trabalhada com muitas ressalvas, devido alguns conceitos adotados pelo autor, dentre eles a idéia de uma evolução linear pautada na experiência européia, este estudo utilizará a análise que o pesquisador faz com relação ao período da conquista. Ou seja, a defesa de que um dos mecanismos que possibilitou o domínio europeu sobre a América e Austrália foi a transformação ecológica destas em novas áreas de povoamento, levando-as a se constituir, *grosso modo*, em versões da Europa Ibérica ocorrido através do diferencial biológico que os conquistadores carregavam consigo.

As plantas, os animais e as enfermidades que chegaram com os ibéricos em suas expedições os beneficiaram surpreendentemente. Deste modo, diferentes organismos europeus invadiram com velocidade as novas terras, transformando sensivelmente os ecossistemas locais e transmutando-os em um meio ecológico que recordava essencialmente o europeu.

Nesta mesma linha de pensamento Jared Diamond (2007) aponta que há cerca de 11 mil anos em todos os continentes, alguns agrupamentos humanos se diferenciaram drasticamente dos demais e dos seus próprios antepassados. Essa diferença se deu principalmente pelo fato desses povos desenvolverem sistemas de produção de alimentos, através da agricultura e pecuária, ganhando uma enorme vantagem sobre os demais que não foram além de sistemas extrativos de alimentos (caça, coleta vegetal e pesca).

Através do cultivo de plantas e domesticação de animais, foi possível criar sistemas artificiais cada vez mais complexos para multiplicar a produtividade como fonte de alimento (além de outras utilidades), ocorrendo o fenômeno que a arqueologia denominou *revolução neolítica*. Jared ainda afirma que o desenvolvimento da agropecuária foi o grande divisor de águas da diversidade social, cultural, tecnológica, política e econômica entre os povos nos últimos 6 a 8 mil anos. É fato que a domesticação de animais constitui um diferencial ao permitir ao europeu uma vantagem sobre outros povos, que para produzir, dispunham de pouco mais que a força do próprio corpo.

Assim, o conquistador ibérico do século XVI era um homem com pleno domínio de seus animais e das vantagens que estes proporcionam além de possuir um organismo

resistente a doenças que derivaram de seu contato. Essas características proporcionaram aos conquistadores europeus, uma maior capacidade de adaptação em regiões diferentes e de domínio sobre os territórios alvos da ocupação, com rapidez e eficiência. O maior exemplo foi nas Canárias, cuja ocupação antes da América, foi considerada “modelo de conquista espanhola”

Ao conquistarem ilhas do arquipélago das Canárias, os europeus se propunham a transformá-la. E, de acordo com os planos preestabelecidos, animais foram soltos para se reproduzirem soltos e assim proporcionar aos conquistadores uma fonte permanente de abastecimento alimentar conhecida e segura. Os espanhóis “europeizavam” a ilha, importando espécies como cães, cabras, porcos, provavelmente carneiros, gado bovino, burros, camelos, coelhos, pombos, galinhas, perdizes, patos, e também cultivando cevada, ervilhas e possivelmente trigo, desta forma, transformando totalmente a paisagem. (CROSBY, 1993: 91).

Os soldados montados desempenharam um papel vital na conquista das duas últimas Canárias. Cabe observar que os antigos habitantes destas ilhas, os guanchos, tinham grandes familiaridades com animais de criação, porém de menor tamanho; eles, entretanto, jamais haviam visto, outros tão grandes como o cavalo, ou que carregassem homens às costas e obedecessem às suas ordens nas batalhas. A adaptação destes animais nas terras dominadas era de fundamental importância para a consolidação da conquista, com ressalta Crosby ao analisar a conquista da América:

Os europeus migrantes poderiam alcançar e até conquistar essas terras, mas não fazer delas colônias onde estabelecessem domicílio, pelo menos até que esses torrões de solo estrangeiro se convertessem em algo mais parecido com a Europa do que quando avistados pela primeira vez pelos navegadores, felizmente para os europeus, seus animais, tanto os domesticados quanto os facilmente adaptáveis, foram muito eficazes em iniciar essa mudança. (Idem: 155).

Em um século de conquista todos os habitantes nativos das Canárias desapareceram, a sua paisagem fora radicalmente transformada com a importação de plantas e animais novos. Por toda a terra encontravam-se plantações de vinha, cana-de-açúcar e trigo, que eram atacados pela infestação de coelhos, que haviam se multiplicado a partir de um casal da espécie que chegara junto aos conquistadores, assim como os incontáveis cães importados, que eram utilizados para combatê-los.

Os primeiros animais domésticos que foram trazidos para Índias Novas, como foram chamadas inicialmente as terras conquistadas pelo Almirante; chegaram em 1493, na segunda viagem de Cristóvão Colombo, eram cabras, ovelhas, bovinos, galinhas, cães, cavalos e porcos, com os respectivos pares para assegurar a reprodução, servindo de apoio à exploração dos metais preciosos em benefício da coroa e dos colonos.

O transporte destes animais por mar era um grande desafio, e a principal dificuldade enfrentada era ultrapassar a “horse latitude”, zona crítica onde a imobilidade prolongada das calmarias equatoriais e o esgotamento dos víveres obrigavam aos navegantes a se livrar dos animais em pleno mar.(DEFFONTAINES, 1957 apud BERNAND e GRUZINSKI, 2006:245)

Os primeiros embarques de animais domésticos foram realizados basicamente para La Española, onde se localizam atualmente a República Dominicana e o Haiti. A ilha foi o ponto de partida para a difusão desses animais nas Antilhas e no Continente. Dali saíram os animais para a conquista de Cuba, com Diego de Velázquez; Juan Ponce de León em Porto Rico, Hernán Cortés em Cuba e México, e Francisco Pizarro no Panamá.

Em Española os animais se adaptaram e se reproduziram com muita facilidade, e em carta enviada aos reis católicos em abril de 1494, Colombo destaca a reprodução dos animais:

[...] los pollos que nazem em ocho dias fasta doze son grandes para comer y naçem muchos. Los puercos mucho multiplican, qu'es maravilla. Las cabras y ovejas son pocas y las yeguas no faltan aquí, sino muchos labradores y bestias que puedan labrar, que los caballos y bestias que acá son en ninguna manera se deven poner a labrar, salvo guardallos, porqu'es aça más un caballo que una fortaleza, que, aunqu'esta gente sea cobarde, es innumerable, que creo que aya d'ellos cuento de cuentos; y de los caballos no pueden consigo de los esperar ni tan solamente de los mirar, que, aunque sean três mill hombres, seguramente puede ir uno de caballo a ellos, que no le na de aguardar: creen que buelen y fablen y entiendan, y ansí le fablan como a hombre algunas vezes que se fallan que no pueden huir, y por esto yo los tengo acá en gran preçio y les mando mirar mucho lo que puedo[...] (COLOMBO, 1494)

No ano seguinte em fevereiro de 1495, na *Relación del viaje a Cuba y Jamaica*, o Almirante volta a comentar a adaptação dos animais e traz um outro dado relevante, que é transformação de alguns destes em animais selvagens:

[...] El ganado y aves cosa es de maravilla como multiplican y se hacen grandes las gallinas: cada dos meses sacan pollos, y en diez o doce días son comederos. Los puercos, de treze hembras que truxe, ya ay a tantos que andan bravos por las montañas [...] (COLOMBO, 1495)

Nesta mesma Relação, Colombo ainda traz outra informação importante que é a referência da utilização de cães como arma de guerra:

[...] un perro que yo llevaba lês hizo gran daño: muy gran guerra haze acá un perro, tanto que se tiene a precio su compañía como diez hombres, y tenemos d'ellos gran necesidad.[...] (Idem)

Em seu pequeno livro *No tempo das Caravelas* Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo afirmam que a América foi conquistada por causa da brutalidade dos homens armados, da superioridade da força dos cavalos e da ferocidade dos cães de guerra. Constituiria assim, o homem, o cavalo e os cães a trilogia da conquista ibérica.

Ao ser introduzido na América os cavalos, assim como na Europa, desenvolveram a função de servir como instrumento bélico, meio de transporte e como reprodutores. Para proteger os animais nas batalhas eram utilizados peitorais, testeiras e costados de algodão ou couro e freqüentemente guizos e chocalhos. Possivelmente estes acessórios também contribuía para construir uma figura que causava impacto aos oponentes.

Os cães eram utilizados para as guerras desde os povos antigos, entre eles os gregos e romanos. Os espanhóis os utilizaram na conquista de Granada, e a sua participação na subjugação dos mouros foi uma experiência decisiva para sua utilização contra os indígenas na América.

Os cronistas utilizavam vários nomes para designar os cães europeus, sendo os mais comuns o mastim, alano (cão da raça fila), como galgo ou lebre, sendo este último um cão de caça com a característica de ser extremamente rápido, ficando conhecido na América como cão matador. Os conquistadores denominavam o ato de atacar os indígenas como aperrear, derivado de “perro”, cão em espanhol, como bem exemplificou Oviedo:

Há de entender o leitor que aperrear é fazer que os cães os comessem ou matassem, despedaçando o índio, porque os conquistadores das índias costumavam na guerra trazer labréis e cães bravos. (OVIEDO 1535 apud AMADO e FIGUEIREDO 1992:135)

A utilização do cavalo como arma psicológica

A domesticação do cavalo permitiu ao homem percorrer longas distâncias em curto período de tempo, durante as batalhas de conquista proporcionava enorme vantagem sobre seus oponentes a pé, principalmente após os espanhóis adotarem a equitação à gineta aprendida com os árabes, que os deixavam com uma mão livre para lutar e permitia que os animais atacassem e dessem meia volta com grande agilidade, tornando fator determinante durante as batalhas. (CUNNINGHAME, 1997).

O cavalo fora instrumento indissociável da conquista, ele era o símbolo de enobrecimento dos plebeus e contribuía para remanejar hierarquias sociais. Embora se saiba da utilização de outros animais, nas crônicas de conquista, são mais recorrentes as referências aos cavalos, ficando assim mais evidente a sua importância e participação nos acontecimentos.

Todos os indícios levam a considerar que o cavalo que se trouxe originalmente ao continente americano, e que serviu de base para todas as posteriores variantes de raça crioula, foi o cavalo andaluz, considerado genericamente como o resultado do cruzamento do cavalo árabe procedente do norte da África, com os exemplares da própria península ibérica; biótipo resultante, por sua vez, dos múltiplos cruzamentos que ao longo do tempo se produziram entre o primitivo cavalo ibérico e as sucessivas raças centro-europeias (sobretudo o cavalo de procedência germânica) e “invasores” asiáticos que foram importados pelos povos “bárbaros” que invadiram a península. (SERRERA, 1995).

No início da conquista, os eqüinos eram raros e extremamente caros. Somente anos depois é que foram criados verdadeiros haras nas grandes Antilhas, na Nicarágua e em Santa Marta, de onde se distribuía os cavalos para outras regiões. (DEFFONTAINES, 1957 apud BERNAND e GRUZINSKI, 2001: 540). Desde 1514, o Panamá já possuía criações de eqüinos, e foi de onde saíram os cavalos para as expedições de Pizarro e outros conquistadores do Império Inca.

Durante a conquista o primeiro cenário natural onde se iniciou a aclimatação, cria e difusão do cavalo foi no âmbito antilhano e juntamente com o cão foi de fundamental importância para o processo de conquista. A respeito disso, disse o jesuíta Bernabé Cobo;

“El animal que de mayor importancia ha sido para los españoles de cuantos se han traídos a estas Indias es el caballo, porque con su ayuda han podido hacer tantas y tan insignes conquistas, han descubierto tantas regiones y se han extendido tan en breve por tantas y espaciosas tierras.” (COBO, apud SERRERA, 1995:272)

Ainda na conquista das Canárias, o cavalo adquiriu outra função, a de arma psicológica. Utilidade esta, que foi adaptada e implantada com muito sucesso na América, principalmente por Hernán Cortés, durante o seu avanço sobre o império Mexica.

Como foi demonstrado por Todorov (1993), Cortés soube interpretar os signos mexicas e utilizá-los para seu benefício. Dentre as suas interpretações, está a compreensão de que os índios viam os espanhóis como deuses e seus cavalos como seres sobrenaturais que tinham personalidade e guerreavam por sua própria vontade. Utilizando essas informações, Cortés pode jogar com o imaginário dessa sociedade e conquistá-la, como passo a citar:

Cortés quer que a informação recebida pelos índios seja exatamente aquela que ele envia; com muita prudência, destilará a verdade em suas próprias palavras, e será particularmente impiedoso em relação aos espões. Os que agarra terão as mãos cortadas. No início, os índios não estão bem certos de que os cavalos dos espanhóis são seres mortais; para mantê-los nessa incerteza, Cortés fará com que sejam cuidadosamente enterrados os cadáveres dos animais mortos, na noite que se segue à batalha. (TODOROV, 1993: 107).

O que Cortés busca primeiramente não é ouro, e sim informações, ciente da inferioridade numérica do seu exército, procura compreender o pensamento indígena para assim o dominar. Com astúcias, inventa táticas de guerra, explorando o efeito surpresa causado pelos animais, procura fazer com que os índios acreditem que os canhões e os cavalos guerreiam por sua própria vontade, como se fossem dotados de vontade própria, mas que estão sujeitos a sua ordem, e afirma que somente ele, Cortés, consegue aplacar sua ira. (BERNAND e GRUZINSKI, 2001: 323-324).

Cortés se destaca por ser um conquistador de exceção, mas seu exemplo logo passa a ser seguido, pelos demais castelhanos que vieram a esta outra parte do mundo em busca de riqueza, sempre fazendo uso dos cavalos.

Os soldados e aventureiros que empreenderam, sob os comandando de Pizarro, a conquista dos Andes também se utilizaram dos cavalos como meio de locomoção e arma de conquista, principalmente psicológica. Ali, entretanto, embora alguns indígenas se impressionassem com os animais, nem todos se intimidavam tão facilmente diante dos corcéis, como bem registrou Jerez:

O embaixador gabou-se de sua coragem e de seus cavalos, ‘que corriam mais rápido que o próprio vento’, falou de suas lanças e de suas espadas [...] Os capitães do Inca argumentaram falando da inferioridade numérica dos cristãos; seus cavalos, por mais que temíveis fossem, não estavam armados. A isto, o emissário respondeu que o couro daqueles animais era tão espesso que eram invulneráveis. Mas Atahualpa não se impressionou com esses detalhes, pois os arcabuzes dos cristãos só davam dois tiros. (JEREZ, 1947 apud BERNAND e GRUZINSKI, 2001 :498).

Também nos Andes os indígenas demonstraram espanto e temor ao verem os cavalos dos conquistadores, conforme registra o missionário e cronista espanhol Bernabé Cobo:

A admiração que os cavalos causaram aos índios logo que os viram excede a todo encarecimento: porque, quase em todas as províncias da América tomaram o cavalo e o cavaleiro como uma só pessoa, pensando que estavam unidos, ou que era algum animal monstruoso. Em suma, não houve coisa de quantas da Europa se trouxeram que mais os admirasse e assombrasse. Ficavam como fora de si de estupor vendo um espanhol correr a cavalo com um peitoral, de guizos [...] (COBO, 1943: 31)

E este não foi o único e isolado, Mena também registrou outras situações semelhantes:

Antes de partir, Soto fez o cavalo empinar na frente do Inca e de suas numerosas mulheres [...] O bafo do animal passou tão perto do rosto do soberano que as franjas de seu emblema real, a maskaipacha, estremeceram. O Inca permaneceu impassível, mas muitas pessoas, aterrorizadas, deram um salto para trás. Os espanhóis souberam no dia seguinte que Atahualpa mandara executá-las para punir sua covardia. (MENA, 1938 apud BERNAND e GRUZINSKI, 2001: 503).

Embora os espanhóis entrassem em triunfo na cidade com seus cavalos, a chegada até ali não foi tarefa fácil, os animais suportavam mal as grandes altitudes e

eram atingidos pelo *soroche* (mal da montanha). Muitos morreram antes da raça equina conseguisse se adaptar à cordilheira andina.

Durante a travessia dos Andes homens e cavalos afundavam na neve, muitos morriam de frio, outros tinham seus pés congelados ou perdiam a visão ficando cegos pela reverberação. O vento gelado não cessava, fazendo com que os homens encolhem-se junto dos cavalos para receber seu hálito quente. Os que atravessavam a cordilheira em novembro se alimentavam com carne de cavalos mortos durante a expedição anterior, ainda perfeitamente conservado na neve. (CANTÚ, 1979 apud BERNAND e GRUZINSKI, 2001: 529).

Em 1540, uma expedição de Gonzalo Pizarro atravessou penosamente as remotas regiões andinas, em direção a leste, na busca de ouro, especiarias e para explorar a região conhecida como “país da canela”. Gonzalo Pizarro partiu acompanhado de um contingente com mais de 200 espanhóis, cavalaria e infantaria, 4.000 índios, 1.000 cães, 4.000 porcos e uma manada de lhamas para servir de alimento ou para transporte de cargas.

Ao passar a cordilheira central, a maior parte dos índios morreu de frio, e na última etapa da viagem de regresso, já haviam consumido todos os porcos e as lhamas. Comeram os oitenta cavalos que restavam e também os 1.000 cachorros.

A introdução do cavalo na bacia do Prata e sua adaptação à região.

Na região do rio da Prata a primeira notícia sobre a presença destes animais, está reportada ao ano de 1535, e remete a expedição de Pedro de Mendonza, que tinha como objetivo conquistar e colonizar a região sul-americana, convencido de ser este o lugar de riquezas fabulosas. Esta expedição foi composta por mais de 70 cavalos, e acredita-se que estes, após serem abandonados depois do incêndio e despovoamento da vila de Buenos Aires, espalharam-se pelos pampas.

O cavalo se adaptou facilmente nessa parte da América e se multiplicou depressa, o rebanho se reproduziu tanto que em 1580, quando da segunda fundação de Buenos Aires, já havia registro de manadas selvagens nas planícies da atual Argentina.

Os animais se reproduziram assim em liberdade, ocupando o território antes dos homens;

Os cavalos, os porcos e o gado adaptaram-se com uma velocidade espantosa a seu novo ambiente, destruindo as culturas, erodindo os terrenos outrora cobertos de vegetação úmida. Pedro Mendonza introduziu nas margens do rio da Prata os primeiros cavalos- sessenta e dois- que sobreviveram à travessia do Atlântico, muito mais cansativa para os animais do que para os homens. Em poucos anos, esses animais iriam invadir os Pampas, transformando radicalmente a vida dos patagões e dos mapuches, que vão aprender a domá-los e montá-los com uma habilidade que os espanhóis invejarão. No norte da Venezuela, as grandes planícies do alemão Federmann, o agente dos Welser que se tornara governador de sua majestade. Assim, poucos anos depois da chegada de Colombo e dos primeiros animais europeus, a civilização eqüestre própria dos llanos venezuelanos e dos pampas argentinos vivia seus primeiros passos. (BERNARD e GRUZINSKI, 2001: 541).

Após a conquista, os europeus e seus descendentes se estabeleceram nas terras americanas, bem como seus animais domesticados, dentre eles os cavalos. Os conquistadores permitiram que seus animais se espalhassem livremente por toda a terra conquistada, aumentando em proporções consideráveis seu número durante os cem primeiros anos transcorridos desde a chegada de Colombo.

Os pampas, a leste e a oeste do rio da Prata eram um paraíso para os cavalos, e a sua abundância moldou a sociedade mais firme e permanente do que a descoberta de ouro seria capaz. O metal não teria durado muito, ao passo que as gigantescas manadas de cavalos selvagens, elemento indispensável da cultura dos gauchos, perduraram por muitos séculos. (CROSBY, 1993: 167).

A invasão dos animais domésticos europeus e em seguida a sua transformação em animais selvagens na América, causou profundas mudanças nos costumes e nas mentalidades. Ainda no século XVI, no vale do México alguns magos indígenas difundiam notícias sobre o fim dos tempos, afirmando que os indígenas que se batizassem e tornassem cristãos se transformariam em outra coisa. Quem comesse carne de vaca se converteria em vaca, o mesmo valia para o porco, galinha e todos os animais europeus.

Era uma maneira de se revoltarem contra os cristãos, contudo o processo era irreversível e já nas últimas décadas do século XVI, os notáveis e os caciques indígenas solicitavam em massa autorização para possuir rebanhos de carneiros e para montar a cavalo.

Sem a pretensão de finalizar essa discussão, a argumentação desenvolvida espera ter demonstrado que a presença e utilização do cavalo no período da conquista foi de

suma importância para consolidação da vitória espanhola. Bem como, também analisar de que maneira ocorreu a chegada deste animal em determinadas regiões, cuja adaptação no território, permitiu a sua permanência até os dias atuais, tornando-se futuramente um símbolo de identidade para estas sociedades.

Fontes documentais:

Carta de Cristóvão Colombo enviada aos reis católicos, em abril de 1494. Documento retirado do “arquivo digital” disponibilizado via internet pelo site <http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/index.shtml> -500 años de México em documentos. Acessado em: 15/03/2011.

Relação de Cristóvão Colombo enviada aos reis católicos, em abril de 1495. Documento retirado do “arquivo digital” disponibilizado via internet pelo site <http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/index.shtml> -500 años de México em documentos. Acessado em: 15/03/2011.

Bibliografia:

BERNAND, Carmem e GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo 1**. Da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550). Tradução. São Paulo, EDUSP, 2001.
_____. **História do novo mundo 2**. As mestiçagens. Tradução. São Paulo, EDUSP, 2001

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico**: a expansão biológica da Europa. 900-1900. Tradução. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CUNNINGHAME, Graham, R. B. **Los caballos de la conquista**. Tradução. Buenos Aires. El elefante Blanco, 1997.

DIAMOND, Jared. **Armas, germes e aço**. Tradução. Record, 2007.

ROMANO, Ruggiero. **Os mecanismos da conquista colonial**. Tradução. São Paulo. Perspectiva. 1972.

SERRERA, Ramón. **El caballo en el Nuevo Mundo**. In: Al-Andalus y el caballo. Lunwerg Editores S.A. 1995

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. Tradução. São Paulo. Martins Fontes, 1993.